

Não é Mito

Tema 01

“Em meu livro anterior, Teófilo, escrevi a respeito de tudo o que Jesus começou a fazer e a ensinar, até o dia em que foi elevado aos céus, depois de ter dado instruções por meio do Espírito Santo aos apóstolos que havia escolhido. Depois do seu sofrimento, Jesus apresentou-se a eles e deu-lhes muitas provas indiscutíveis de que estava vivo. Apareceu-lhes por um período de quarenta dias falando-lhes acerca do Reino de Deus”
(Atos 1.1-3)

ATOS HOJE

INTRODUÇÃO

Vivemos dias onde a ciência tem avançado de maneira extraordinária. Apesar de suas limitações e erros, ela tem beneficiado a humanidade oferecendo maior qualidade de vida, ajudando-nos a ampliar nossos horizontes e facilitado muitas coisas no dia-a-dia. Pense em como seria sua vida sem a luz elétrica, ou o computador, o telefone celular, tratamentos médicos, transportes automotivos, TV e muito mais. Na verdade, se olharmos ao nosso redor, estamos cercados pelos avanços científicos que a humanidade conquistou. O outro lado da moeda é que de alguma forma, deixamos de colocar a nossa fé em Deus para colocá-la na ciência. Isso significa dizer que o homem moderno só acredita no que pode ser observado e reproduzido em laboratório, ou seja, naquilo que ele pode controlar e manipular com o seu próprio conhecimento. A fé cega na ciência faz com que muitos releguem a Bíblia a um livro “supersticioso”, cheio de lendas e antiquado, o que nos coloca diante de um dilema: existe conflito entre ciência e fé? Precisamos abrir mão da ciência para seguirmos Cristo?

O EVANGELHO EM DUAS DIMENSÕES

“Em meu livro anterior, Teófilo, escrevi a respeito de tudo o que Jesus começou a fazer e a ensinar” (vs.1)

Lucas, autor de Atos, foi um médico que seguiu Jesus durante seu ministério aqui na terra. Prestando-se ao trabalho de pesquisa, utilizou-se de entrevistas e depoimentos que foram relacionados com o intuito de nos dar a certeza das coisas que Cristo realizou (Lucas 1.1-3). Como cientista, possuía uma característica muito peculiar de escrever: ela era preciso e detalhista. Certamente ele não se entregaria a registrar fatos que não pudessem ser observados e provados. Não foi a toa que Deus permitiu que um médico fosse autor de um dos evangelhos e do Livro de Atos – isso para ter a autenticidade de alguém que estava

acostumado a um ambiente científico e cético, a menos que fosse provado. Mas é importante reforçar que o Evangelho de Cristo não se reduz a uma mera filosofia, ou a um evento histórico ou até mesmo a teorias científicas. Tudo isso ajuda a compreender parcialmente a mensagem de Jesus, mas não a totalidade dela, pois o Evangelho de Cristo transcende às limitadas maneiras humanas de compreender Deus e Suas obras. Se quisermos compreender o Evangelho, precisamos observá-lo sob dois aspectos: o “fazer” e o “ensinar” – duas dimensões que se complementam mutuamente dando à mensagem de Jesus a perfeição que cabe a ela. Se restringirmos a vida cristã ao ensino, corremos o risco de reduzi-la a mera filosofia onde a racionalidade humana, por si só, pode fazer todo o trabalho sem o auxílio do Espírito Santo. Mas se a reduzirmos somente ao “fazer”, tornamo-la uma espécie de prática irrefletida sem significação relevante. Paulo diz que o Evangelho é “poder de Deus” (Romanos 1.16) e que sua mensagem não se resumia a meras palavras convincentes, mas em *demonstração* do poder do Espírito (1Coríntios 2.4). No entanto também é imperativo que estejamos preparados para responder a qualquer pessoa que nos pedir a *razão* da esperança que há em nós (1Pedro 3.15)

Para refletir: Pense sobre quais seriam outras consequências de vivermos apenas uma dessas dimensões. Você tem vivido o Evangelho nesses dois aspectos?

O RESPALDO DE TESTEMUNHAS

“Até o dia em que foi elevado aos céus, depois de ter dado instruções por meio do Espírito Santo aos apóstolos que havia escolhido” (vs.2).

Jesus não fez nada às ocultas. Tudo o que disse e realizou foi feito na presença de multidões de pessoas que se maravilharam e atestaram o fato de que Ele era verdadeiramente o Filho de Deus

(Mateus 14.33; Marcos 15.39; Lucas 4.41; João 1.34; João 1.49). Não estamos nos referindo a um caso de histeria coletiva, mas a inúmeros momentos, circunstâncias, lugares e pessoas que conferiram que Cristo não era um charlatão ou mesmo uma fantasia. Pessoas de vários segmentos da sociedade – oficiais, religiosos, reis, pessoas comuns, nobres, pobres, estudiosos etc – viram e ouviram por si mesmas quem era o Cristo. Um grupo enorme de pessoas presenciaram os principais momentos do Seu ministério: Seu batismo, Seus ensinamentos, milagres, morte, ressurreição e ascensão ao céu. Negar a historicidade de Cristo é desmentir milhares de testemunhas e o próprio fato da mensagem de Jesus ter atravessado impérios. Quando permitimos que Cristo seja real em nós pela experiência do novo nascimento, tornamo-nos parte da grande “nuvem de testemunhas” (Hebreus 12.1) que protagonizam a fé no Senhor e Salvador de nossas vidas.

Para refletir: Diante desse fato, fica o desafio do Senhor para cada um de nós: *“Agora, levante-se, fique em pé. Eu lhe apareci para constituí-lo servo e testemunha do que você viu a meu respeito e do que lhe mostrarei”* (Atos 26.16).

UMA MENSAGEM INCONTESTÁVEL

“Depois do seu sofrimento, Jesus apresentou-se a eles e deu-lhes muitas provas indiscutíveis de que estava vivo. Apareceu-lhes por um período de quarenta dias falando-lhes acerca do Reino de Deus” (Vs.3)

Como exímio historiador, o evangelista Lucas faz questão de demonstrar que a vida e obra de Jesus não foi produto do imaginário popular e nem de especulações infundadas. As próprias palavras que usa refletem o caráter sério e sóbrio da mensagem cristã: “apresentou-se”, “muitas provas incontestáveis”, “apareceu-lhes” – somente no verso três. Quarenta dias seria um tempo suficiente para desmascarar qualquer farsa e sufocar qualquer movimento remanescente que os seguidores de Jesus tivessem tentando organizar, caso fosse uma mentira. Mas o contrário ocorreu: a mensagem e o estilo de vida de Cristo foram se propagando a tal ponto que não houve nenhuma autoridade na terra que impedisse o crescimento do Evangelho. O próprio Paulo, maior perseguidor da igreja, teve que render-se diante do fato da ressurreição de Jesus, tornando-se o maior pregador da mensagem de Cristo no Novo Testamento. Portanto, não se trata de uma religião fundamentalista composta por cegos fanáticos ou seguidores ingênuos, mas de um estilo de vida que experimentou Cristo e

cultiva com Ele um relacionamento diário de fé e convicção. O que dá à mensagem de Cristo um caráter transcendente é o fato de ela propagar o Reino de Deus. Jesus não fundou uma nova religião e muito menos veio trazer uma ideologia política, mas veio anunciar que o Reino de Deus está disponível a todo aquele que se achegar a Ele em arrependimento e fé: *“O tempo é chegado”, dizia ele. ‘O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!’* (Marcos 1.15).

Para refletir: Qual a diferença entre “Reino de Deus” e “Religião”?

ENFIM...

Fé e ciência não são opostas. A verdadeira ciência aponta para Deus e a verdadeira fé não anula a ciência. Só não podemos abandonar a nossa fé em Deus para colocá-la na ciência humana, pois esta é servente daquele que criou todas as coisas: “Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, que não muda como sombras inconstantes” (Tiago 1.17). Enquanto a ciência responde à pergunta “como?”, a fé responde à pergunta “quem?”. A mensagem de Cristo é atual, o Evangelho é atual. Assim como aqueles primeiros discípulos, podemos experimentar em nossos dias a verdadeira vivência da fé em Cristo com relevância, simplicidade e profundidade. Que Atos seja para você uma experiência atual!